

EstúdioFolha
projetos patrocinados
educação

COLÉGIOS

ESCOLHA CONSCIENTE

Vários pontos devem ser levados em consideração na hora de escolher a escola ideal para o seu filho. Desde o método educacional até a localização da escola, tudo deve ser avaliado antes de tomar a decisão. Neste caderno você vai encontrar questões práticas para ajudar nessa escolha.

1

Ensino bilíngue na primeira infância

“Questões relacionadas ao ensino bilíngue estão presentes para os pais não só na primeira infância dos filhos, mas ao longo de toda a vida escolar”, afirma a consultora educacional Alessandra Prado. Entre os serviços prestados pela consultora às famílias está justamente dar suporte à escolha da escola dos filhos – seja na primeira etapa da vida escolar, quando a criança ingressa na Educação Infantil, ou durante a jornada educacional em situações em que os pais precisam ou cogitam trocar de instituição. De acordo com Alessandra, entre os pais que a procuram, a preocupação de que o filho seja fluente em uma segunda língua é muito comum, não só na primeira infância, mas ao longo de toda a vida escolar.

Independentemente do momento em que a questão apareça, ela está sempre relacionada à formação profissional do filho na fase adulta ou ao desejo de que a criança tenha no futuro a possibilidade de cursar uma universidade fora do país. Por essa razão, pais de alunos da Educação Infantil, que contempla crianças até 5 anos de idade, já procuram instituições bilíngues (aqueles que têm um currículo único, integrado e ministrado em duas línguas) ou, no caso de optarem por instituições não bilíngues, querem saber como são as aulas do segundo idioma (seja inglês ou outra língua) oferecidas pela escola. Os pais buscam algo

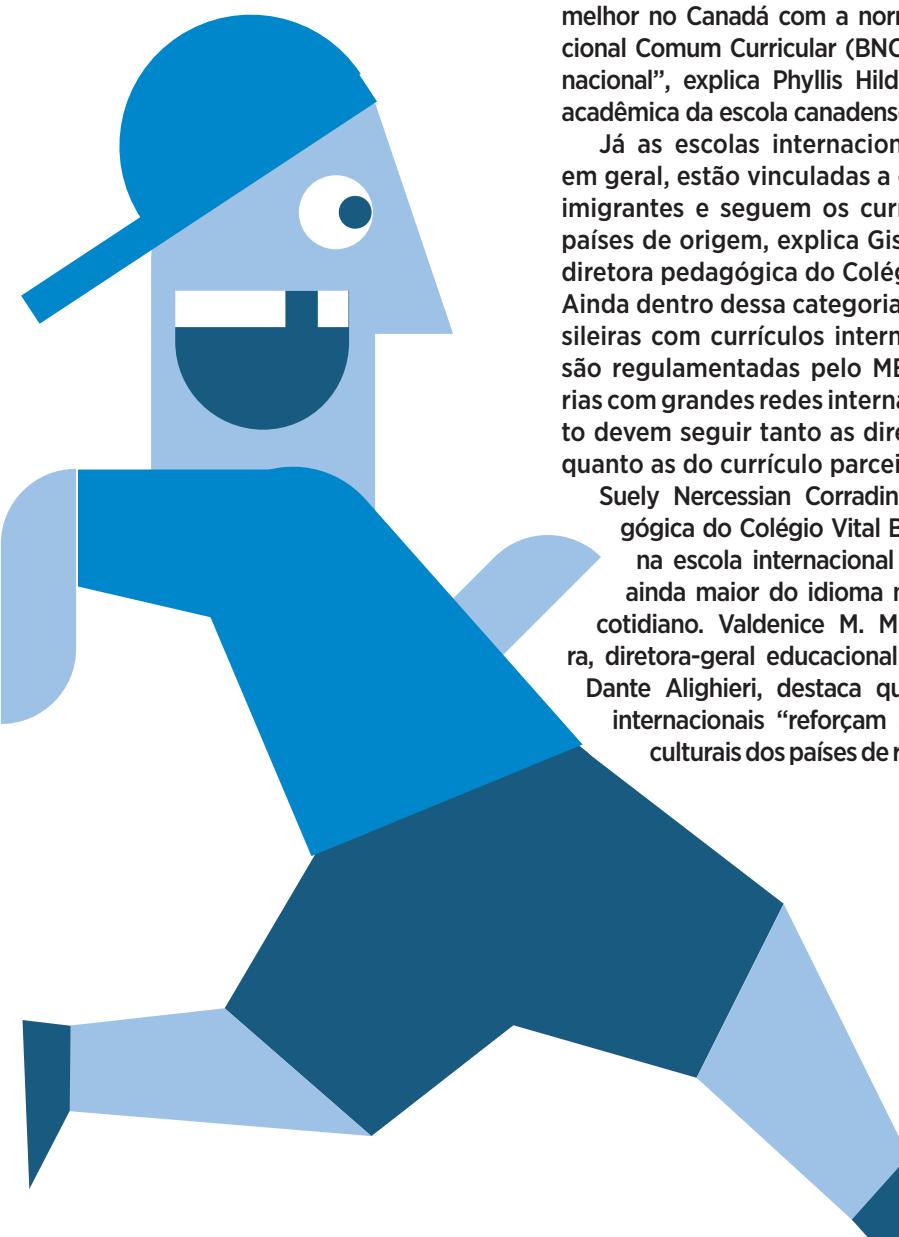
mais do que o segundo idioma como parte do currículo.

Na opinião da consultora, quando o tema é inserir o segundo idioma no universo das crianças dessa faixa etária, pode ser muito mais interessante promover a aproximação com a língua. Escolas que optam por esse modelo mantêm a segunda língua (o inglês, por exemplo) no currículo duas vezes por semana e promovem vivências com o novo idioma de modo lúdico. São brincadeiras, projetos envolvendo atividades circenses, peças de teatro, música, culinária e muitas outras possibilidades que aproximam o aluno de uma outra língua, sem a formalidade do estudo bilíngue.

“Gosto dessa abordagem lúdica na primeira infância. Às vezes a família fica muito tensa com essa questão e acaba gerando o efeito inverso ao desejado. O aprendizado se transforma em um peso, e a criança acaba desenvolvendo aversão ou dificuldade em aprender o idioma”, diz.

Importante ressaltar, segundo Alessandra, que seja no modelo bilíngue ou de aproximação lúdica, a inserção do segundo idioma na primeira infância não traz qualquer prejuízo à alfabetização.





Escola bilíngue ou internacional?

Em comum, escolas bilíngues e internacionais apresentam o fato de trazerem para o cotidiano escolar do aluno de maneira mais incisiva um segundo idioma, além da língua do país onde está instalada. No entanto, elas não são iguais e é fundamental entender suas diferenças antes de partir para a escolha.

Escola bilíngue é aquela que tem um currículo único e integrado, ministrado nas duas línguas de instrução em todas as etapas de escolarização. “É o caso da Maple Bear, que proporciona um ambiente imersivo na língua inglesa e segue o calendário brasileiro, conciliando o que há de melhor no Canadá com a normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a legislação nacional”, explica Phyllis Hildebrandt, diretora acadêmica da escola canadense.

Já as escolas internacionais tradicionais, em geral, estão vinculadas a comunidades de imigrantes e seguem os currículos dos seus países de origem, explica Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Colégio Albert Sabin. Ainda dentro dessa categoria, há escolas brasileiras com currículos internacionais. “Essas são regulamentadas pelo MEC e têm parcerias com grandes redes internacionais, portanto devem seguir tanto as diretrizes nacionais quanto as do currículo parceiro.”

Suely Nercessian Corradini, diretora pedagógica do Colégio Vital Brazil, explica que na escola internacional há uma vivência ainda maior do idioma nas situações do cotidiano. Valdenice M. M. de Cerqueira, diretora-geral educacional do Colégio Dante Alighieri, destaca que escolas internacionais “reforçam aspectos culturais dos países de referência para esse currículo, trazendo além da língua, valores culturais específicos”.

Para Eduardo Flauzino Mendes, diretor do Colégio Agostiniano Mendel, o aprendizado e a fluência em outros idiomas, especialmente o inglês, são extremamente importantes para o desenvolvimento do aluno. “O aprendizado de um segundo idioma ajuda no desempenho escolar, facilita a comunicação de uma forma mais ampla e abre um leque de possibilidades de intercâmbios culturais”, diz. No Colégio Agostiniano Mendel, além de uma carga horária ampliada de inglês desde o minimaternal, há um departamento internacional, o Mendel International, que oferece experiências bilíngues de ensino por meio de cursos extracurriculares com dupla diplomação. Além disso, a escola oferece disciplinas eletivas em inglês para alunos do Ensino Médio, com foco nas áreas de Medicina, Engenharia, Tecnologia, Administração e Negócios.

A escolha por uma ou outra proposta está relacionada à expectativa da família quanto ao nível de apropriação da cultura, além da aquisição da fluência no idioma, afirma Giselle, do Colégio Albert Sabin. Para Suely, do Colégio Vital Brasil, é importante a família se aprofundar no entendimento do funcionamento dessas instituições e observar a cultura na qual seu filho estará inserido. “É preciso avaliar qual proposta atende às expectativas de planejamento futuro de todos os envolvidos, considerando os aspectos do desenvolvimento integral”, diz.



Colégio adota currículo internacional

Para ampliar o trabalho com a diversidade cultural e linguística, Rio Branco estabelece parcerias internacionais e oferece dupla diplomação

Em um mundo interconectado, é necessário formar cidadãos que saibam atuar de forma transformadora nos diferentes espaços, respeitando a diversidade, que é um valor para o Colégio Rio Branco. Nesse sentido, uma educação internacional possibilita desenvolver a chamada *international mindedness*, que é a mentalidade orientada para o respeito às múltiplas perspectivas.

A escola tem ampliado seu foco na educação sem fronteiras ao integrar o currículo brasileiro e o internacional. Essa expansão de horizontes se tornou possível por meio das parcerias com a inglesa *Fieldwork Education*, para a educação infantil e o ensino fundamental, e a canadense *Rosedale Global High School*, para o ensino médio.

“As instituições parceiras também contribuem para a formação do corpo docente e possibilitam que o colégio faça parte de potentes comunidades de escolas internacionais no mundo”, afirma Renata Condi, coordenadora de Estudos Internacionais, *Global High School*, inglês e espanhol para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nas aulas em inglês do ensino fundamental, os alunos “desenvolvem a língua e aplicam conhecimentos em contextos de projetos que envolvem resolução de problemas, construção coletiva, pensamento crítico e criativo e experimentação”, especifica Renata.

“Além disso, a partir do 9º ano, o estudante tem a oportunidade de participar, no período complementar, do *Global High School*, um programa de dupla diplomação Brasil-Canadá”, afirma Renata.

“Ao término do programa, ele recebe o *Ontario Secondary School Diploma* (OSSD), emitido pelo Ministério da Educação de Ontário,



Alunos do Colégio Rio Branco

Divulgação



As instituições parceiras também contribuem para o desenvolvimento profissional docente e possibilitam que o colégio integre um grupo de escolas dedicadas a formar cidadãos globais”

Renata Condi, coordenadora de Estudos Internacionais, *Global High School*, inglês e espanhol para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Canadá, e pode candidatar-se a universidades no mundo todo como estudante canadense, o que leva a algumas vantagens, como dispensa de provas exigidas a brasileiros”, diz.

A ampliação de repertório ocorre por meio da exploração de diferentes conteúdos em língua inglesa. “Em módulos interdisciplinares, os alunos desenvolvem propostas e projetos de outros componentes curriculares em inglês, o que contribui para a expansão de suas competências acadêmicas na outra língua, além de desenvolver habilidades linguísticas”, explica Renata Condi.

A adoção de um currículo internacional, segundo a coordenadora do colégio, favorece os alunos em uma série de aspectos. Entre eles, o da criação de um senso de responsabilidade e o da conscientização sobre relações entre

nações e povos, aprofundando o reconhecimento da complexidade dessas interações.

Os aprendizados pela experiência e pela investigação também constituem diferenciais dessa internacionalização. “Entender que o outro pode pensar de modo diferente a partir do lugar que ocupa é essencial para transitar por diferentes espaços e interagir com diferentes pessoas”, frisa Renata.

Entre os cursos livres e disciplinas eletivas em inglês, sempre como atividades no período complementar, são oferecidos programas como os de introdução aos negócios, liderança em negócios e economia e política canadenses. Em língua espanhola, destaca-se o curso livre para a preparação para o Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira (DELE), reconhecido em todo o mundo.

30

Integral ou meio período?

A escolha entre integral ou meio período pode ter como base uma série de especificidades de cada família. Por exemplo: pais que trabalham fora e preferem que o filho passe o dia na escola do que com uma cuidadora. Mas o principal fator de decisão sempre deve ser o bem-estar da criança, defende a consultora educacional Alessandra Prado. Uma pergunta essencial é: "qual será a rotina de seu filho depois que sair da escola?".

"Se a criança fica meio período na escola e, quando vai para a casa, usufrui de uma convivência de qualidade com a família, com possibilidades de conversa, brincadeiras, atividades em conjunto, inclusive as que fazem parte da rotina, como ir ao supermercado, tudo isso é muito bom. Mas se fica em casa sob os cuidados de uma pessoa que vai colocá-la em frente a uma tela de TV ou computador, sem qualquer tipo de interação, nesse caso o ambiente da escola pode ser mais rico e a melhor opção é o período integral", afirma. Essa recomendação vale para a primeira infância até o Fundamental 1.

Já no Fundamental 2 – do 6º ao 9º ano – e no Ensino Médio, a opção pelo período integral torna-se ainda mais interessante, desde que a escola ofereça um ambiente sintonizado com as demandas desses alunos. Para a consultora, a escola pode ser um espaço rico no qual esses alunos que caminham para a adolescência tenham a experiência de conviver e crescer em vários aspectos.

Nesse contexto, está o crescimento da oferta dos cursos e programas extracurriculares. As opções devem contemplar as diferentes potencialidades dos alunos. "Há escolas que oferecem aulas de circo, capoeira, patins, teatro, robótica,



culinária e muitas outras alternativas. Para o estudante do Ensino Médio, o foco do período integral acaba sendo o vestibular", afirma.

Mas é essencial, em qualquer idade ou nível de ensino, que as atividades extracurriculares oferecidas tenham qualidade, sejam coerentes com a proposta da escola e as expectativas e valores da família que vai matricular o filho. Em geral, para conhecer a escola, os pais, segundo Alessandra, realizam uma visita às instalações, seguida de uma apresentação multimídia. "Tudo é feito para fornecer informações às famílias e para encantar. E não há nada de errado nisso", diz a consultora.

Mas Alessandra conta a experiência pessoal de ter visitado uma escola que afirmava fazer compostagem e quando pediu para ver a composteira, percebeu que essa estrutura ficava em um canto escondido e que fazia muito tempo que não era utilizada. Por outro lado, em outra escola que visitou, o trabalho de compostagem era tão ativo entre os alunos que durante o recreio eles estavam colocando os restos orgânicos na composteira. "Eu até levei um pouco de chorume para casa porque eles colocam em garrafinhas e distribuem para as pessoas adubarem jardins e hortas", afirma.

As visitas a essas duas escolas fizeram parte do trabalho que estava desenvolvendo para uma família que fazia questão de que a escola do filho estivesse alinhada a seus valores de sustentabilidade e defesa do meio ambiente. "Eu estava ali como consultora de uma família, mas pais também podem pedir para ver a composteira e perceber se ela está sendo utilizada de fato", conclui.

4

Qual a importância da infraestrutura?

É importante que a escola ofereça espaços seguros e conforto ambiental a seus alunos, com boa iluminação, entrada de luz natural, ventilação e temperatura agradável. “Precisamos lembrar que o estudante passa muito tempo na escola, e um espaço acolhedor é importante”, diz a consultora educacional Alessandra Prado.

A primeira coisa que vem à cabeça quando se pensa em infraestrutura são as grandes instalações, como quadras de esportes, anfiteatros, laboratórios, bibliotecas etc. Os pais que buscam o melhor para seus filhos não podem se contentar em apenas conferir a existência desses espaços. Precisam saber como são utilizados. Por essa razão, a diretora pedagógica do Colégio Vital Brazil, Suely Nercessian Corradini, faz uma recomendação relevante. “É importante que a visita seja feita com a escola em funcionamento. Momento em que é possível observar a organização dos ambientes, as aulas sendo ministradas, as relações durante o intervalo, entre outras situações da rotina”, diz.

“Afinal de que adianta uma escola ter um anfiteatro maravilhoso e usá-lo apenas uma vez por ano?”, questiona Alessandra. Para a consultora, a infraestrutura precisa contemplar a essência da escola. Ou seja, se a instituição investiu em um anfiteatro é porque trabalha com artes cênicas e precisa do espaço. Isso vale para laboratórios diversos, bibliotecas, quadras, piscinas, salas de ginástica, ateliê de artes e outros ambientes.

E como os pais conseguem diferenciar a escola que investe em infraestrutura de modo genuíno, promovendo práticas educacionais nesses espaços, daquelas nas quais os recursos acabam sendo apenas um cenário? Alessandra

lembra que ambientes que são utilizados têm os sinais de quem passou por ali. “Eu desconfio de instituições em que os espaços usados pelos alunos estão sempre novos, como se acabassem de ter sido inaugurados”, alerta. Nesse contexto, o ateliê de artes é revelador porque não tem como não ter um pingo de tinta, uma marca de fita crepe em alguma bancada ou parede ou sinais de que ali se manipulam materiais. Os pais precisam perguntar:

- Onde fica o ateliê? Posso visitar?
- O que é feito nesse espaço?
- Onde estão os trabalhos realizados pelos alunos?
- O que fazem depois dos trabalhos concluídos? Guardam na pasta do aluno? Fazem exposições?

Outro aspecto importante é saber se o professor interfere no trabalho de artes feito pelo aluno. Há escolas que são muito preocupadas com o produto final. É aquela em que a criança faz o trabalho e o professor “melhora” o recorte. Por outro lado, também há escolas que respeitam a produção do aluno e valorizam o caminho que ele percorreu em seu trabalho. Cabe às famílias, conscientes de seus valores, saber quais desses dois perfis estão alinhados ao que ela deseja para a educação escolar de seu filho.

Com os laboratórios, também vale perguntar como e em que momentos são utilizados. Um ponto importante é saber se existe um profissional dedicado ao laboratório. Escolas bem estruturadas possuem esse profissional, que pode ser um professor de Química ou Ciências especializado em laboratório. Ele faz um trabalho de alfabetização em relação a materiais, instrumentos e utilização. “Tudo deve ser feito de modo correto e seguro. Por isso, é importante os pais perguntarem se existe um profissional de laboratório fixo. Em geral, escolas que têm um laboratório ativo, inserido em uma proposta de educação, têm esse profissional”, explica.





Proposta pedagógica alinhada às expectativas da família

O alinhamento entre os valores propagados pela escola e os objetivos educacionais da família está no topo dos três principais aspectos que devem ser avaliados durante a escolha da escola, na opinião de Christina Sabadell, head da Escola Bilíngue Pueri Domus.

Tão importante quanto conhecer a proposta pedagógica da escola é a família ter muito claro quais são seus valores. "Muitas vezes a família quer adaptar a escola a seus valores. E isso não vai acontecer. Assim, antes de partir para a escolha, vale fazer a lição de casa e refletir sobre o que você busca na instituição de ensino e quais os valores inegociáveis para sua família", recomenda a consultora educacional Alessandra Prado.

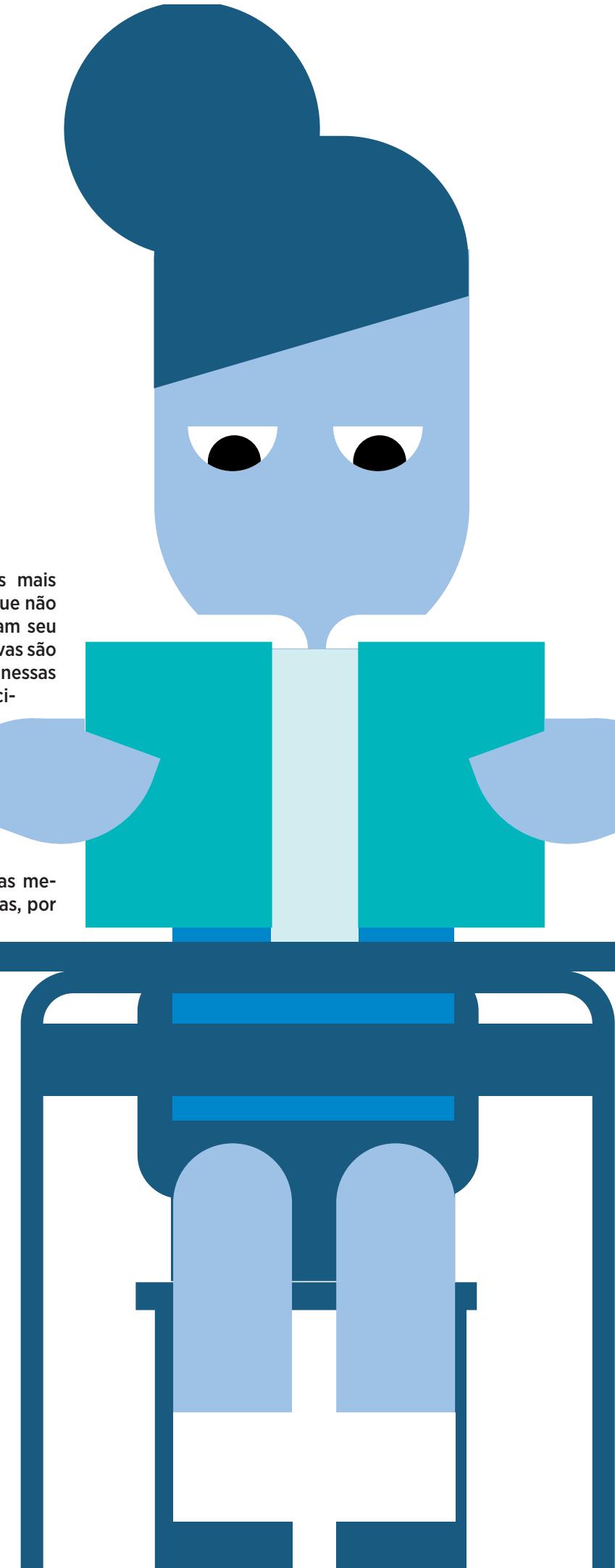
Há algumas escolas com propostas pedagógicas mais definidas, como as que seguem os métodos Waldorf e Montessori. Mas a maioria das instituições se diferencia por adotar o método de ensino tradicional, que é o conteudista, ou o socioconstrutivista, em que o aluno é protagonista do conhecimento. Claro que podem ter algumas nuances nesse desenho, mas, para dar o primeiro passo, os pais precisam saber, pelo menos, que existem essas diferenças. De acordo com Alessandra, esse é um cenário válido até o final do Fundamental 1. "Percebo uma transição para uma proposta mais conteudista da maioria das escolas a partir do Fundamental 2, mesmo naquelas que trilharam o socioconstrutivismo desde a Educação Infantil. Claro que há exceções, com escolas que conseguem manter o socioconstrutivismo por mais tempo", afirma. Na percepção da consultora educacional essa mudança está relacionada, em parte, a uma exigência das próprias famílias, e porque já a partir do 9º ano, por conta do vestibular que se aproxima, há uma demanda de conteúdo muito grande.

Mas mesmo dentro de um contexto de

escolas com propostas pedagógicas mais tradicionais, os pais precisam saber que não são todas iguais e há as que repensam seu modo de ensinar. As metodologias ativas são um exemplo cada vez mais presente nessas escolas e colocam o aluno mais participativo de seu aprendizado.

Para a diretora acadêmica da Maple Bear, Phyllis Hildebrandt, é importante que os pais estejam atentos à abordagem pedagógica e ao método com que as aulas são conduzidas. De acordo com Phyllis, as melhores práticas baseadas em evidências, por exemplo, demonstram que o ensino centrado no aluno, com abordagem investigativa, técnicas ativas e avaliação contínua, proporciona um aprendizado muito mais duradouro e relevante para a vida adulta, além do desenvolvimento de habilidades socioemocionais, importantes para o moderno mundo do trabalho.

Por suas andanças e pesquisas para encontrar a escola mais adequada para cada família que atende, Alessandra diz que já encontrou várias propostas pedagógicas interessantes, como uma escola que prepara o aluno para desenvolver o pensamento crítico desde o Ensino Infantil. Mais do que isso, a instituição tem um trabalho em que o aluno, em conjunto com a família, decide em qual escola seria mais interessante cursar no Ensino Médio, levando em conta seu perfil. Nessa proposta escola e família acreditam que quando o aluno participa dessa escolha seu engajamento será muito maior nessa etapa da educação escolar.





E a formação dos professores?

Certamente, os pais consideram a figura do professor muito importante na educação escolar dos filhos. Afinal, é esse profissional que estará todos os dias em contato direto com os alunos, desenvolvendo vínculos, conduzindo o caminho. Portanto, é importante a formação desse profissional e essencial saber quais são as possibilidades de capacitação que a escola proporciona a ele. “Arrisco dizer que estar atento à capacitação é mais importante que a formação”, ressalta a consultora educacional Alessandra Prado.

Quando se busca uma escola para atender uma família na etapa da Educação Infantil, por exemplo, uma das perguntas do roteiro da consultora é se existe o auxiliar de classe e qual é a formação desse profissional. “É muito comum as escolas contratarem estagiários para essa função, o que imprime muita volatilidade ao cargo de uma pessoa que lidará com as crianças.

Eu não acho isso bom. Mas já encontrei escolas em que o auxiliar de classe é um pedagogo.”

Ter professores pós-graduados, mestres e doutores é algo que chama a atenção das famílias. Mas igualmente importante, porque revela o valor que a escola dá a esse profissional, são as oportunidades de capacitação que contemplam os professores. Quais são os investimentos da escola para que seus professores se mantenham atualizados? Para Alessandra, esse olhar dos pais pode ser ampliado para os demais profissionais da escola, afinal todos contribuem para a construção de um ambiente saudável onde você deixará seu filho.

“Em geral, as escolas proporcionam bolsas de estudo a filhos de professores. Mas fiquei impressionada com uma escola que dá bolsa de estudos a filhos de todos os funcionários e não somente aos de professores”, lembra. O que diferencia a primeira escola da segunda é algo a ser levado em consideração.

Para a consultora, a escola que dá bolsa apenas aos filhos de professores adota uma prática no mercado. Apesar de ser louvável, restringir o benefício a esses profissionais acaba contribuindo para perpetuar o privilégio de manter essa possibilidade de educação em um segmento específico da sociedade – filhos de famílias cujos pais cursaram o ensino superior. Já a outra escola abriu caminho para que todos – dos filhos dos faxineiros aos dos professores – tivessem acesso a bolsa de estudos e, importante, sem segregação. Todos estudam no mesmo prédio, com os mesmos professores, têm acesso aos mesmos recursos.

Para garantir que possam participar das atividades extracurriculares, como viagens de estudos do meio, por exemplo, e viabilizar a permanência na escola no caso de período integral ou horário estendido, a bolsa de estudos contempla a alimentação e as despesas com essas atividades. Também inclui o material escolar.

“Para pais que fazem questão de que seus filhos estudem em um ambiente inclusivo que promova a diversidade, a segunda escola parece estar mais alinhada a isso do que a primeira”, afirma Alessandra.



Quanto posso investir

Muitas famílias consideram a educação dos filhos um investimento e não um gasto. E, além disso, o mais importante investimento direcionado aos filhos. Bons argumentos para embasar essa máxima é que não faltam. De fato, ter acesso a uma educação de qualidade faz diferença na vida de uma pessoa, principalmente se ela souber usufruir e valorizar esse benefício. E por ser um investimento importante é preciso ser ainda mais realista. O mais inteligente é escolher uma escola alinhada à proposta pedagógica desejada e que caiba no bolso.

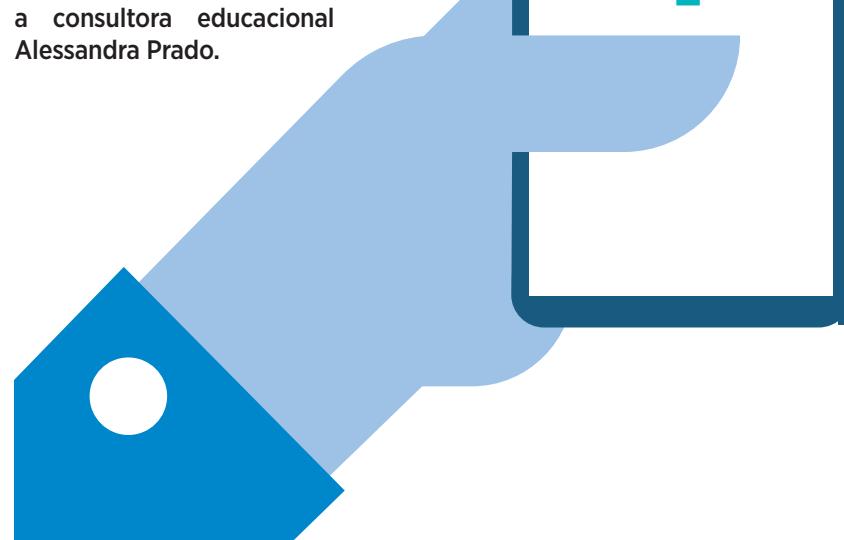
São valores financeiros que impactam ainda mais no orçamento, principalmente de fa-

mílias com mais de um filho em idade escolar. Nessa conta não deve entrar somente o valor da mensalidade. É preciso entender quanto será gasto por ano com uniforme, livros, eventuais taxas extras, atividades extracurriculares, transporte, alimentação. Tudo precisa ser considerado para que o investimento não leve a família ao endividamento ou a uma situação de ter que mudar o filho de escola por não conseguir arcar com as despesas que não se resumem à mensalidade.

Nesse aspecto, vale perguntar à escola sobre eventuais valores extras e também se a instituição oferece descontos, uma prática comum, principalmente quando a família tem mais de um filho na mesma instituição. Também há escolas particulares que oferecem bolsas de estudo, de acordo com critérios específicos, e isso pode não estar estampado no material de divulgação da instituição. Então, vale perguntar se existe essa política e a quais casos se aplica.

Também é uma ótima oportunidade de envolver os filhos no processo, explicando que eles podem contribuir ao cuidar bem do material didático que pode, quando for o caso, ser reutilizado pelo irmão mais novo. Há escolas que proporcionam e incentivam essa possibilidade em relação a livros e uniformes.

“Conheço escolas que têm uma sala para que os alunos deixem uniformes em bom estado, mas que não servem mais, e livros didáticos. Nesse espaço, eles também podem escolher um uniforme do seu tamanho e os livros didáticos que vão usar no ano seguinte. São ações voltadas a consumo consciente e sustentabilidade, valores importantes para aquela instituição, mas que também representam economia para as famílias”, diz a consultora educacional Alessandra Prado.





8 Localização da escola

A localização da escola precisa ser levada em consideração porque interfere na qualidade de vida do aluno e da família. Ficar horas no trânsito de uma grande cidade como São Paulo é muito sofrido para qualquer pessoa e muito mais para as crianças pequenas. O aluno já chega à escola cansado e isso interfere na aprendizagem. O ideal é escolher a melhor escola, de acordo com o perfil da família, o mais próximo possível de casa, a depender da rotina.

A diretora pedagógica do Colégio Albert Sabin, Giselle Magnossão, recomenda que a família inicie a busca com um levantamento de quais são as escolas que podem ser consideradas do ponto de vista prático. E, nesse contexto, estão as mais próximas à residência do aluno e as que cabem no orçamento da família. “Pode parecer trivial, mas o que, à primeira vista, parece contornável, como passar um longo tempo no trajeto de ida e volta ou fazer um esforço para suportar uma mensalidade acima das possibilidades financeiras da família, pode se tornar um grande fardo ao longo do tempo”, afirma.

Há escolas atentas a essas questões práticas e para facilitar a vida de pais que trabalham e não podem contar com outra pessoa para levar e buscar o filho na escola oferecem algumas facilidades, como o horário integral e o período estendido, que

vai um pouco além do integral, pensando principalmente nos pais que trabalham fora e precisam de um tempinho a mais para pegar a criança.

Assim, vale uma certa avaliação logística, incluindo o trajeto, horário de entrada e saída da escola e o trânsito nesses horários. “Já que nem sempre é possível ter a escola a uma caminhada a pé de casa, acho que o aceitável é um deslocamento de até 30 minutos de carro. Mas nem sempre isso é viável, então vale o bom senso de fazer o melhor, avaliando o custo/benefício da escolha”, recomenda a consultora educacional Alessandra Prado.

Para crianças menores, a rapidez e a facilidade de acesso dos pais à escola, no caso de uma necessidade fora do horário normal de entrada e saída, precisa ser considerada. Assim, os pais que trabalham precisam avaliar se o melhor é a escola perto de casa ou da empresa, sempre levando em consideração o bem-estar da criança e evitando viagens diárias muito longas.

Já a criança um pouco mais velha ou o adolescente tem mais condições de aguardar um período maior pelos pais, no caso de uma emergência, e, certamente, a escola, independentemente da faixa etária do aluno, deve ter condições de tomar as providências necessárias até a chegada dos pais.



A escola precisa ter o ciclo completo?

das relacionadas ao conteúdo e às metodologias de ensino aplicadas. Também querem saber como a escola desenvolve as habilidades e comportamentos pessoais e interpessoais. "Já as famílias que buscam escola para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, chegam ao nosso colégio pensando no vestibular. Além do conteúdo e de uma experiência de ensino motivadora, buscam um programa de orientação vocacional bem estruturado, inclusive com suporte psicológico para os alunos, se necessário. Nessa fase também as famílias e os alunos querem saber como trabalhamos as competências socioemocionais, tão essenciais nos dias de hoje", afirma.

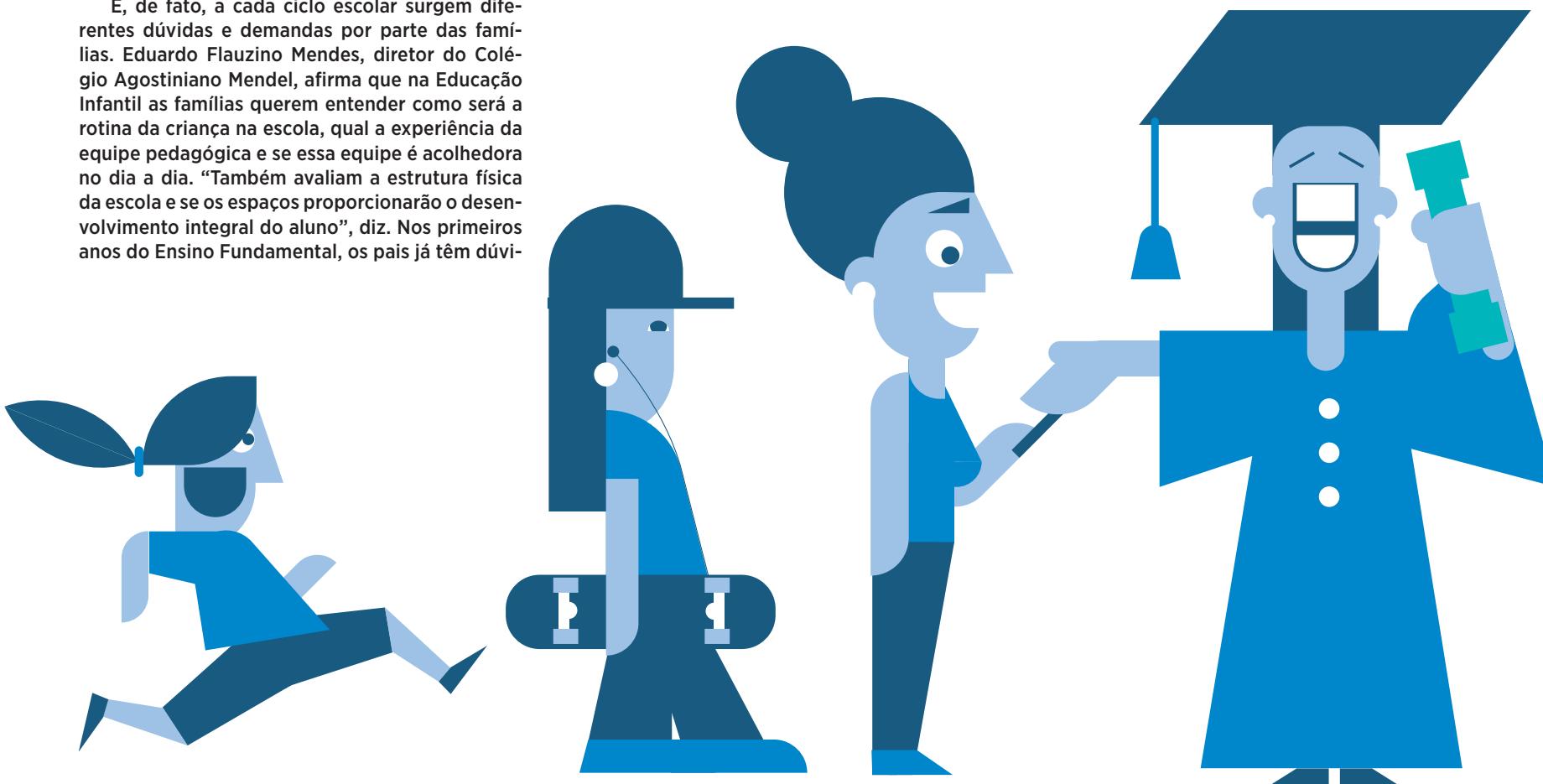
A decisão de só considerar como opção uma escola que tenha da Educação Infantil ao Ensino Médio pode limitar as opções. "Essa rigidez muitas vezes pode afastar a família do que seria a escola mais adequada, apenas porque não consideraram a possibilidade de uma instituição, simplesmente, porque ela não oferecia o Ensino Médio", afirma Alessandra.

Além disso, há muitas escolas no mercado que não oferecem o ciclo completo por opção, por entenderem que sua expertise está na Educação Infantil ou da Educação Infantil ao Fundamental. No entanto, essas instituições costumam manter

parcerias com escolas que oferecem as etapas posteriores e estão alinhadas às suas propostas. Dessa forma, as famílias encontram suporte para essa continuidade do ciclo escolar de seus filhos.

Por outro lado, há casos em que, apesar de a escola oferecer o ciclo completo, a mudança se faz necessária. Pode ser simplesmente porque os pais foram transferidos de cidade em função do trabalho ou porque o perfil e as potencialidades do filho estão demandando outro tipo de escola. Nos dois casos não há problema em mudar.

Mas, nem sempre é o caso de trocar de escola. Antes de tomar essa decisão é preciso avaliar a situação, ter clareza se realmente é um quadro que justifica a mudança ou um momento que pode ser solucionado. "Às vezes, há uma questão pontual entre a família e a escola que pode ser solucionada com abertura de um diálogo. Nesses casos, sempre vale a pena investir em uma mediação antes de decidir por uma troca de escola", conclui Alessandra.



A maioria das famílias busca uma escola que atenda da Educação Infantil ao Ensino Médio. Mas não dá para garantir que a escola selecionada em determinado momento da criança vai ser capaz de atendê-la até o final do Ensino Médio. "Talvez seja mais saudável para toda a família pensar no momento presente da criança, no que ela está vivendo e precisando e escolher a escola para atender essa demanda atual. Essa escolha pode se perpetuar até o Ensino Médio ou pode ser necessário fazer mudanças no meio do caminho. O direcionamento precisa ser de acordo com o que for melhor para o aluno", acredita a consultora educacional Alessandra Prado.

E, de fato, a cada ciclo escolar surgem diferentes dúvidas e demandas por parte das famílias. Eduardo Flauzino Mendes, diretor do Colégio Agostiniano Mendel, afirma que na Educação Infantil as famílias querem entender como será a rotina da criança na escola, qual a experiência da equipe pedagógica e se essa equipe é acolhedora no dia a dia. "Também avaliam a estrutura física da escola e se os espaços proporcionarão o desenvolvimento integral do aluno", diz. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os pais já têm dúvi-



Ensino Médio: escola técnica ou ensino regular?

Médio oferece propostas pedagógicas muito alinhadas ao mundo do trabalho. “Uma coisa é certa: o Ensino Médio tradicional, que muitas vezes se limitava a ser um preparatório intenso para exames vestibulares, tende a virar coisa do passado”, acredita.

Na opinião de Eduardo Flauzino Mendes, diretor do Colégio Agostiniano Mendel, cursos técnicos podem ser interessantes se o aluno sabe desde cedo em qual área quer atuar. Mas em sua avaliação, a maioria dos alunos tem muitas dúvidas e demanda um bom programa de orientação vocacional para definir como encaminhar sua vida profissional. Eduardo recomenda que enquanto o estudante ainda está em um processo de escolha, avaliando possibilidades, é mais adequado optar por uma formação sólida em todas as áreas do conhecimento, ou seja, o Ensino Médio regular. “Os itinerários formativos dão a opção de seguirem trilhas de conteúdos com os quais eles têm mais afinida-

de e, assim, possibilitam que essa jornada seja mais tranquila, sem que haja necessidade de abrir não do conteúdo”, afirma.

Essa escolha também está relacionada ao perfil do aluno, diz Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Colégio Albert Sabin. “O ensino técnico acrescenta habilidades relacionadas a determinadas áreas ou profissões às aprendizagens do Ensino Médio. É importante que a família considere o perfil e o projeto de vida do filho para auxiliá-lo nessa escolha”, diz.

Suely Nercessian Corradini, diretora pedagógica do Colégio Vital Brazil, também entende que a escolha depende do interesse de cada estudante. “O ensino técnico dá a possibilidade de entrar diretamente no mercado de trabalho. Já o curso tradicional demanda mais uma etapa antes do mercado de trabalho que é o ensino superior”, ressalta.

A consultora educacional Alessandra Prado afirma ser favorável ao Ensino Médio Técnico em um contexto como o Brasil, em que a maioria dos estudantes tem muita dificuldade de ingressar no ensino superior e, ao mesmo tempo, tem pressa de entrar no mercado de trabalho para se sustentar e, muitas vezes, ajudar a família. “O Ensino Médio Técnico dá formação, desenvolve habilidades e contribui para aumentar a empregabilidade dos jovens”, resume.

Ao chegar ao Ensino Médio (EM), os alunos contam com a possibilidade de cursar o ensino regular ou o técnico. Tradicionalmente, o primeiro tem como foco a preparação para o Enem e vestibulares. O segundo oferece uma formação profissional articulada ao EM. Assim, essa modalidade traz, além das disciplinas do EM, as específicas relacionadas ao curso profissionalizante selecionado. A escolha entre as modalidades, afirma Valdenice M.M de Cerqueira, diretora geral educacional do Colégio Dante Alighieri, depende do projeto de vida do aluno. “Entendemos que os itinerários formativos, que se iniciam no Ensino Médio e são escolhidos pelos alunos a partir do 9º ano, são o início desse processo de escolha”, afirma.

A afirmação vai ao encontro da análise de Phyllis Hildebrandt, diretora acadêmica da Maple Bear, que explica que o Novo Ensino

